

DEPOIMENTO SOBRE A TRADUÇÃO DE THE PIGGLE*

Rosa de Lima Sã Martins

Meu depoimento versará sobre o livro The Piggle, traduzido por mim e pela professora Else Pires Vieira. The Piggle foi o primeiro livro traduzido pelo Laboratório de Tradução da Faculdade de Letras e sua publicação, bem recebida pela crítica, teve o mérito de abrir ao Laboratório o mercado de trabalho da tradução.

Aliás, essa foi a nossa grande recompensa por toda a energia despendida na tarefa árdua e difícil, que foi a tradução de The Piggle — tarefa que executamos em três meses, durante os quais trabalhamos dia e noite, sobretudo à noite, porque durante o dia continuamos cumprindo nossas atividades rotineiras na Faculdade de Letras.

Ainda outro dia eu relembro com Else o dia anterior à data marcada para entrega da tradução, quando ficamos ao telefone até altas horas da noite, trocando idéias, discutindo equivalentes mais precisos para este ou aquele vocábulo e fazendo correções no texto. E às cinco horas da manhã eu estava na Rodoviária, para entregar a tradução a um portador de confiança, que se tinha comprometido a levá-la naquele mesmo dia à Editora, no Rio.

* O presente artigo foi apresentado em mesa redonda na Semana de Estudos sobre a Problemática da Tradução.

Trabalhamos demais, é verdade, mas foi um esforço compensador, que nos deixou uma sensação de realização, de experiência que valeu a pena.

Traduzir é difícil. Quem traduz sabe disso, mas, para quem pretende ser tradutor, fica aqui essa advertência. O trabalho de uma tradução pode, muitas vezes, equivaler à criação de uma nova obra.

A proposta para traduzir The Piggle, nós a recebemos através de uma colega que estava trabalhando no Rio — e que via na tradução do livro a oportunidade para tornar conhecido nos meios editoriais o Laboratório de Tradução da FALE. Uma conjectura que aliás se confirmou .

Para não perder aquela oportunidade, que poderia não se repetir, eu e a Else lemos o livro, percebemos algumas de suas dificuldades, — mas não todas, como viemos logo mais a constatar — e decidimos "topar a parada".

A Editora enviou de imediato o contrato para a tradução. De início, relutamos em aceitar, diante do absurdo de suas cláusulas. E somente o assinamos porque garantiram-nos que aqueles itens eram pro forma, que constavam normalmente de qualquer contrato. Mas, pro forma ou não, acho que, hoje em dia, jamais assinaríamos tal contrato.

Só para dar idéia do seu despropósito, vou ler aqui duas de suas cláusulas:

"A aprovação da tradução fica sob a exclusiva responsabilidade do coordenador editorial, tornando-se claro que o Tradutor acatará, sem reclamações ou reivindicações, o critério utilizado pela Editora".

Outra cláusula:

"Uma vez aprovada e paga, a tradução será considerada propriedade da Editora, podendo ela reservar-se: o direito de publicá-la ou não; modificá-la, corrigi-la segundo seus critérios; preferir publicar outra tradução; imprimi-la onde, quando e em que forma entender, tantas vezes, quanto melhor lhe parecer."

Não creio ser necessário comentar tais cláusulas. Faço, entretanto, questão de acrescentar que, dois meses após sua entrega, nossa tradução foi publicada na íntegra, sem qualquer correção.

Cada uma de nós, de acordo com o preço estipulado no contrato, recebeu Cr\$ 3.500,00, e não teríamos recebido essa quantia se o Laboratório de Tradução não tivesse assumido as despesas de datilografia do texto.

Fizemos a tradução em noventa dias: sessenta dias foi o prazo estipulado pela Editora. Conseguimos uma prorrogação de 30 dias.

Falei até agora de fatos e problemas que motivaram e cercaram a tradução de The Piggie. Talvez eu até me tenha estendido demasiadamente sobre eles — mas achei que seria interessante mencioná-los, uma vez que representaram também uma etapa do trabalho que realizamos.

Mas passemos agora à análise da tradução de The Piggie, ao ato da tradução propriamente dito.

The Piggie é o relato do tratamento psicanalítico de uma criança e contém: descrições pormenorizadas das entrevistas

tas psicanalíticas feitas pelo próprio psicanalista e trechos de cartas sobre o estado clínico da criança escritas pelos seus próprios pais.

A criança, no caso, é Piggie, e o psicanalista é o Dr. D. W. Winnicott, psiquiatra inglês, uma das maiores autoridades no assunto.

Piggie iniciou o tratamento aos 2 anos e 4 meses de idade e, ao terminá-lo, aos 5 anos, "dava a impressão de uma criança normal em termos terapêuticos."

A doença de Piggie manifestou-se após o nascimento de uma irmãzinha. Desde então ela começou a ter crises de ansiedade e insônia; chorava sem saber porque, arranhava violentamente o rosto todas as noites e afastou-se do pai, por quem era antes apaixonada; e tinha pesadelos e fantasias que verbalizava admiravelmente bem.

Toda essa sintomatologia da doença de Piggie está muito bem descrita nas cartas dos pais, que também eram profissionais, conhecedores do campo da terapêutica.

As entrevistas psicanalíticas, em número de dezesseis, foram realizadas "de acordo com a demanda", isto é, quando a criança o exigia. Durante essas entrevistas, no consultório de Dr. Winnicott, onde havia uma série de brinquedos, Piggie brincava e jogava com o psicanalista; cantava, manuseava os brinquedos e dizia o que estava fazendo; fazia caretas com o Dr. Winnicott, falava coisas sem sentido, conversava com o psicanalista naquela linguagem inarticulada, própria de sua idade, e ele dialogava com ela em linguagem acessível à criança, ao mesmo tempo que interpretava tudo o que ela dizia

e fazia.

Em seguida, ao que parece, Dr. Winnicott fazia um relato pormenorizado de toda aquela atividade, acrescentando comentários, conclusões, anotações clínicas. Escrevia, entretanto, sem qualquer preocupação literária, e suas anotações muitas vezes são incompletas, em código, com idéias nem sempre bem organizadas.

Talvez fosse sua intenção rever essas anotações, completá-las, cuidar do estilo do livro, mas morreu antes de terminar o preparo do manuscrito para publicação.

Apenas para dar uma idéia da maneira como as entrevistas são relatadas, vou ler aqui um trecho da primeira entrevista.

Fiz, há pouco, menção ao amontoado de brinquedos que havia no consultório do Dr. Winnicott. Piggie começou a brincar com eles e a tirar daquela confusão partes de trenzinhos e, após alguns minutos, "começou a dizer repetidamente: 'aqui está um outro ... e aqui um outro'. Isso se referia mais a vagões e locomotivas, mas não importava muito o que fosse: ela sempre fazia o mesmo comentário. Vendo que se tratava de uma comunicação, falei: 'o outro bebê, o bebê Sush'. Devo ter dito a coisa certa porque ela começou imediatamente a falar da época em que o bebê Sush nasceu, tal como ela se lembrava: 'Eu era um bebê. Eu estava no berço. Eu estava dormindo. Eu tinha acabado de tomar a mamadeira'".

Esse momento da entrevista não somente dá uma idéia do linguajar da criança, como também mostra o terapeuta em atividade e sua habilidade em perceber naquele brinquedo e naquela conversa de Piggie, uma comunicação. Aliás, na introdução

do livro, Dr. Winnicott afirma que "todas as vezes que Piggie vinha para o tratamento, trazia um problema, que era capaz de comunicar".

E essa comunicação não ocorria somente através de palavras. Era importante o que a menina falava, mas era igualmente importante a maneira como falava.

Em psicanálise tudo tem um simbolismo: palavras, modo de falar, cor, gestos, voz, expressões, sinais, tudo é sintoma, tudo traz uma mensagem e tem um significado.

Denotação e conotação assim como a sintomologia semiótica tinham de ser consideradas na tradução. O livro exigia uma fidelidade absoluta ao texto, e por isso foi tão difícil traduzí-lo.

A começar pelo título: The Piggie.

Piggie é um apelido afetoso que os ingleses dão às crianças, geralmente às mais novas, e "piggie" literalmente, significa "porquinha" em português. Mas em inglês a palavra "piggie" não tem a conotação pejorativa que tem em português a palavra "porquinha". Além disso, "porquinha" não se presta às variações fonológicas que a criança faz com a palavra "Piggie": "A Piga foi embora. A Piga é preta. Os dois Pigas são ruins, etc". Também os diálogos do Dr. Winnicott com a criança perderiam toda a seriedade se se substituísse "Piggie" por "Porquinha".

Eles ficariam assim:

Winnicott: "Winnicott é o bebê da Porquinha.

Winnicott voraz, o bebê que nasceu da
Porquinha, que gosta da Porquinha

e que quer comê-la".

Alguém, na ocasião, sugeriu que traduzíssemos "Piggle" por "Gatinha", mas esse apelativo, pelos mesmos motivos, não se adequaria ao texto.

Por razões semelhantes não traduzimos o nome próprio de Piggle — Gabrielle, que ela pronunciava ora Gaddy, Gaddy, Gaddy, ora Galli, Galli, Galli ou Gaby, Gaby, Gaby.

Conservamos também o apelido "Sush", que Piggle inventou para a irmãzinha. "Sush" pode ser a pronúncia incorreta de Susan ou de "Such a baby", uma forma carinhosa de os pais repreenderem os filhos. E, uma vez que conservamos esses nomes próprios, por uma questão de uniformidade de critério, conservamos os demais.

Piggle, em suas fantasias, criou uma série de palavras: "babacar" (bebê-car) que sempre aparece associado a uma "mamãe preta" e a um "papai preto", O bebê-car é "ite" — que interpretamos como pronúncia incorreta de "white" (branco) e traduzimos por "banco"; "o bebê-car é banco", cujo significado a própria Piggle não soube explicar. Havia também em suas fantasias um "babacandle" (bebê-cera), um "baby goble" (bebê-gabla) e um "baby-bablan" (bebê-bablã).

Piggle usava a palavra "yams" para designar seios e que traduzimos por "mamãs". Presume-se que ela tenha criado essa palavra por analogia com a onomatopéia "nham" também usada pelos ingleses para expressar "comer" e "coisa gostosa".

Aliás a linguagem de Piggie é rica em onomatopéias que, às vezes, eram iguais às da língua portuguesa e, outras vezes, completamente diferentes, e nesses casos tivemos de traduzir pelos nossos equivalentes.

Numa das fantasias de Piggie "todo o mundo fazia splash, splash (splosh, splosh no inglês) na lama ou brrr do mu" (moo no original). "Moo" é a palavra infantil para vaca e "brrr" indicava fezes.

O barulho do tremzinho "d-d-d-" traduzimos por "tchic, tchic, tchic" e a água pingando, "tipping, tipping, tipping" traduzimos pelo nosso "ping, ping, ping".

Com três anos de idade Piggie entrou para a escola maternal. E, desde então, nas entrevistas com o Dr. Winnicott, em suas conversas ela introduz trechos de estórias infantis, reconstituindo-as, às vezes, do fim para o princípio; repete "slogans" e canta canções difíceis de traduzir, porque tínhamos de prestar atenção não só ao efeito conotativo e denotativo de cada palavra, como também à forma dos versos, ao ritmo, à rima, à aliteração. Incluímos várias Notas do Tradutor para explicar canções, jogos, "slogans" mencionados no texto e certamente conhecidos do povo inglês, mas desconhecidos do leitor brasileiro. Também usamos Notas do Tradutor (N.T.), ao pé de página, para explicar frases que ao leitor poderiam parecer desprovidas de sentido ou ambíguas, ou justificar construções em ordem inversa ou elípticas.

Ao lado dessas dificuldades relacionadas com o próprio estilo do livro, vale ainda mencionar, o grande número de expressões idiomáticas nele usadas, o vocabulário pomposo usado pela mãe de Piggie em suas cartas e, sobretudo, os

problemas decorrentes da polissemia da língua inglesa: apenas na segunda e terceira entrevistas encontramos a palavra "play" usada em cinco acepções diferentes: jogo, brinquedo, representação, desempenho e fazer caretas — e, se alguém contestar alegando que algumas dessas palavras são sinônimas, eu objetaria com a afirmação de que, dentro do contexto em que foram empregadas, e para sua maior precisão, nenhuma poderia substituir a outra.

Apesar de todos esses problemas lingüísticos, The Piggle é um livro essencialmente técnico, e como tal apresenta um vocabulário específico da área, a psicanálise, que exigiu-nos muita pesquisa.

É verdade que nesse aspecto tivemos a orientação valiosa do Dr. Abraão Myssior, da Associação Mineira de Psiquiatria, assim como na área de língua inglesa contamos com a colaboração do Prof. Ian Linklater, do Departamento de Letras Germânicas da FALE:

Ana Maria de Almeida, Professora do Departamento de Letras Vernáculas, foi a nossa grande assessora em Língua Portuguesa. Além da revisão do texto ela estava constantemente advertindo-nos sobre a precisão e a correção da linguagem, correção que muitas vezes tivemos de sacrificar em benefício da fidelidade ao texto.

Tivemos também a colaboração de duas monitoras que trabalharam sobretudo na pesquisa do vocabulário.

Em razão da exigüidade de tempo de que dispúnhamos para fazer a tradução, realizamos com essa equipe um trabalho concomitante: à medida que traduzíamos uma entrevista reuniamo-nos,

ora com o Prof. Linklater, para esclarecer dúvidas eventuais da língua inglesa, ora com o Dr. Abraão Myssior, para elucidar problemas relacionados com a terminologia psicanalítica.

Em seguida encaminhámos o texto à Profa. Ana Maria de Almeida, a fim de que ela procedesse à revisão do português.

Quanto à forma do livro, conservamos a mesma do original: a descrição da entrevista ocupa metade da página; na outra metade estão as anotações do psiquiatra.

No decorrer desse depoimento talvez possa parecer que eu tenha exagerado as dificuldades da tradução de The Piggle.

Mas The Piggle é realmente um livro difícil e, além disso, tanto eu quanto a Profa. Else éramos "marinheiros de primeira viagem".

Poderia continuar, ainda por muito tempo, falando sobre a tradução de The Piggle, porque ao reler o livro para preparar este depoimento, tive a impressão de estar fazendo novamente a sua tradução. E quem traduz sabe que a tradução é um processo sem fim. Ela sempre pode ser aperfeiçoada. Estamos, a todo momento encontrando soluções igualmente boas para este ou aquele trecho linguisticamente difícil, embora nem todas sejam adequadas a este ou aquele contexto.

O ponto final da tradução é de fato determinado pelo prazo estipulado para sua entrega. E, pelo mesmo motivo, este

meu depoimento deve parar.

NOTA: Alguns trechos deste depoimento foram transcritos da
NOTA DOS TRADUTORES contida na tradução de The Piggie,
Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1979.